

MULTILINGUISMO, IMIGRAÇÃO E ABORDAGENS SUL: ENTREVISTA COM O DR. RAFAEL LOMEU GOMES

 10.5935/2177-6644.20220019



Carlos Eduardo França de Oliveira *

 <https://orcid.org/0000-0001-5526-7966>

Bruno César Pereira *

 <https://orcid.org/0000-0002-7975-6024>

Rafael Lomeu Gomes é graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Mestre em linguística na *Queen Mary University of London* (Inglaterra) e Doutor pela *University of Oslo* (Noruega). Atualmente é pesquisador pós-doutorando no *MultiLing-Center for Multilingualism in Society through the Lifespan*, na *University of Oslo*. Seus interesses de pesquisa atuais incluem multilinguismo, comunicação mediada digitalmente e discurso da mídia. Em seu último projeto de pesquisa, Rafael investigou as práticas linguísticas e ideologias de famílias brasileiras-norueguesas que criam seus filhos multilíngües na Noruega. Sua pesquisa foi publicada em periódicos internacionais como: *Multilingual Margins*, *Multilingua* e *Journal of Multilingual and Multicultural Development*. O entrevistado é fundador e co-organizador de um grupo de leitura *online* sobre abordagens sulistas e críticas à análise social. Desde o ano letivo de 2020-21, o grupo de leitura tem sido hospedado pelo Programa de Estudos Africanos da *Pennsylvania*

* Imagem/Créditos: Nadia Frantsen / Universidade de Oslo.

** Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO, *Campus Irati*) e Professor do Programa de Pós-Graduação em História da mesma Instituição de Ensino Superior (PPGH/UNICENTRO). Editor-Chefe da Revista Tempo, Espaço e Liguagem (TEL).  <http://lattes.cnpq.br/2892949327316029> - E-mail: carlosoliveira@unicentro.br.

*** Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Editor Assistente da Revista Tempo, Espaço e Liguagem (TEL).  <http://lattes.cnpq.br/4804034110506202> - E-mail: bruno_o8cesar@outlook.com.

nia State University.¹

A entrevista aqui transcrita foi realizada através plataforma *Google Meet*, em março de 2022. Ao longo de sua fala, Dr. Rafael abordou sua trajetória e experiência como pesquisador desde sua graduação no Brasil até suas recentes pesquisas na *University of Oslo*, Noruega.

Entrevista

Entrevistador: Professor Rafael, fale um pouco da sua trajetória inicial. Em especial da sua área de formação.

Dr. Rafael Lomeu Gomes: Comecei minha Graduação em 2005 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na área de Ciências Sociais. Nesta época eu já vinha trabalhando com Professor de Inglês em uma Escola de idiomas em São Paulo, fazia cerca de dois ou três anos. Durante minha Graduação eu me ocupava principalmente com essas duas áreas, estudos em Ciências Sociais, com o curso noturno e durante o dia trabalhando como Professor de Inglês. Eu trabalhava em uma Escola em São Paulo onde a maior parte dos alunos pertencia a uma elite econômica. Quando fui adquirindo mais conhecimento de maneiras de interpretar a realidade social a partir de abordagens sociológicas, por exemplo, algumas coisas foram me chamando atenção sobre a dinâmica da escola de Inglês e quais seriam as possíveis de significado da formação desses alunos. Enfim, estou pensando um pouco na questão de entender a educação como reprodução no trabalho de Althusser, pegando um pouco de Bourdieu e Passeron também, então como que a intenção de certas famílias de criar filhos bilingues e fluentes em inglês, matriculando crianças a partir de dois anos de idade, pode ser interpretado de certa forma como uma maneira de talvez de manter uma reprodução de uma forma de como a sociedade está organizada. Quem tem condições hoje no Brasil de matricular os filhos em uma escola de inglês a partir dos dois anos de idade é quem ocupa posições com bastante capital econômico, social, artístico e ou político. Bourdieu, por exemplo fala disso na *Economia das Trocas Linguísticas* (1971). Ou seja, como a aquisição do inglês por parte dessas crianças faria com que o capital linguístico delas, a partir de uma idade muito jovem, fosse aumentado de forma que no momento que essas crianças se tornassem jovens adultos e fossem para o mercado de trabalho a possibilidade de transformar esse capital linguístico em outras formas de capital, como o simbólico e, no fim das contas, econômico, seria muito maior do que pessoas que não tem condições de realizar um curso de inglês, por exemplo. Atuar nessas

¹ As gravações em vídeo das sessões estão disponíveis no canal PSU African Studies, na plataforma *Youtube*: <<https://www.youtube.com/channel/UC-dIZgdBHmO2zI4FDwVuRmw>>.

duas áreas, no trabalho de educação, mais especificamente no ensino de idiomas e estudar grandes pensadores que falam sobre esses temas e pensar o meu papel nisso, eu me via em uma posição muito conflituosa, talvez um pouco como um cúmplice do sistema que ajuda a (re)produzir as coisas como estão, mas também enxergando a partir da obra de Paulo Freire a Educação como uma possibilidade de mudança, uma vez considerando que essas pessoas, esses alunos poderiam ocupar lugares de poder no futuro, com a minha colaboração ou não.

Uma coisa que eu procurei pensar a respeito — e uma grande colega minha nesse trabalho foi Heidi Oliveira, que atuou como professora, coordenadora e diretora também dessa mesma escola — é que como podemos contribuir para com uma formação crítica desses alunos. Não só de uma noção do inglês enquanto um instrumento que vai, de forma pragmática, contribuir com a sua vida na escalada social, mas também como a gente pode contribuir na formação deles enquanto cidadãos críticos. Esse foi um trabalho bem interessante. A partir desse trabalho eu comecei a vislumbrar como eu podia ligar o que eu havia estudado na Faculdade com o que eu estava vivenciando na prática, tanto no ensino, dando aula, como na formação de professores baseada em uma abordagem freiriana. Eu cheguei em um momento na minha carreira, depois de 12 anos, mais ou menos trabalhando como professor de inglês e formador de professores de inglês, que fez com que eu buscasse me aperfeiçoar um pouco mais na questão acadêmica formal sobre como se dão os processos de aquisição de linguagem. Eu tinha um viés prático a partir de muitos anos de experiência pedagógica em ensino de idiomas e também a partir de certas leituras, mas eu queria algo mais sistematizado. Foi quando eu decidi fazer o meu mestrado na área de linguística na *Queen Mary University of London*, que foi também pensando no meu próprio posicionamento, na minha posicionalidade, ou seja, de como eu senti, por estar afastado da sala de aula ao me dedicar trabalhar mais à formação de professores, que o meu próprio conhecimento de inglês já estava estagnando de tal modo que eu precisava continuar aprimorando. Eu pensei em uma possibilidade que acabou dando certo, de fazer o mestrado no exterior, na Inglaterra. Isso acabou me permitindo não só adquirir mais conhecimento sobre a aquisição de segunda língua, como também trabalhar o meu próprio conhecimento de inglês.

Entrevistador: Poderia falar um pouco mais sobre sua trajetória de pesquisa na *Queen Mary University of London*, durante seu mestrado?

Dr. Rafael Lomeu Gomes: Durante o mestrado foi a minha primeira experiência de ser aluno em tempo integral em nível de ensino superior. Isso me atraiu a ponto de pensar que era algo que eu

gostaria de fazer na minha vida, ou seja, atuar profissionalmente como professor-pesquisador acadêmico. Eu gostaria de entreter mais essa ideia para ver até onde ela ia, porque a alternativa seria continuar trabalhando na área, aliás, a alternativa mais evidente que aparecia para mim seria, de volta ao Brasil, trabalhar na área de ensino de idioma, mais especificamente de inglês e formação de professores. Na minha dissertação de mestrado, eu escrevi sobre as experiências de brasileiros aprendendo inglês tanto no Brasil como no Reino Unido e além deste quesito comparativo, o contexto, eu também comparei diferentes metodologias. Eu usei tanto a metodologia quantitativa para fazer uma análise a partir de dados de questionários para entender as atitudes que esses brasileiros tinham ao aprender inglês, como também uma abordagem qualitativa inspirada por análise de discurso e que me permitiu também pegar certas nuances das experiências desses brasileiros que estavam aprendendo inglês que o questionário não permitia. Então além dos temas que vem acompanhando meus interesses de pesquisa desde então, multilinguismo e imigração, na minha dissertação já me chamou atenção questões metodológica e epistemológica sobre como gerar, acessar, analisar dados e o que é possível dizer a respeito dos dados gerados a partir de diferentes abordagens.

Entrevistador: Como ocorreu a escolha pela *University of Oslo*, na Noruega, para dar continuidade em suas pesquisas, em especial a de doutorado?

Dr. Rafael Lomeu Gomes: Quando eu terminei o mestrado e percebi que eu queria continuar atuando na área acadêmica eu comecei a ver alguns programas de doutorado, inclusive no Brasil, eu cheguei a ver algumas possibilidades por aí. Mas a burocracia, que também envolve o preço de ter o meu diploma de mestrado validado no Brasil, fez com que essa possibilidade fosse bem remota. Então comecei a ver algumas possibilidades no exterior, principalmente no Estados Unidos e Reino Unido. Enquanto eu estava preparando os meus materiais para os processos seletivos, em uma primeira rodada de seleção eu consegui algumas vagas, mas não consegui financiamento. Quando eu estava preparando uma segunda rodada surgiu uma vaga na *University of Oslo*, que pelo que eu tinha visto na descrição da vaga me parecia bastante alinhada com meus interesses de pesquisa: o multilinguismo no contexto familiar. Eu estava interessado em saber como as práticas linguísticas de brasileiros e brasileiras que estavam morando no exterior, eram atravessadas e influenciadas por processos sociais, culturais, econômicos, políticos em nível macro e eu acabei vendo essa vaga que estava atrelada a um projeto maior de pesquisa aqui na *University of Oslo*. Este projeto maior estava interessado em investigar o papel do inglês e outros idiomas na paisagem linguística na Noruega.

Um adendo importante: o doutorado aqui, na Noruega, é considerado um emprego, então você é contratado para atuar como pesquisador da Universidade e parte desse trabalho envolve sua formação, seu treinamento para se tornar Doutor ou Doutora. Dentro desse projeto maior eu acabei entrando no domínio familiar, ou seja pesquisando famílias de brasileiros criando filhos de forma multilíngue. Além disso, uma colega foi contratada como doutoranda para desenvolver a pesquisa em um contexto de ensino superior, então ela estava interessada em políticas linguísticas de diferentes Universidades da Noruega. Outra colega foi pesquisar no domínio do trabalho, práticas multilíngues ligadas ao trabalho. E, por fim, uma outra colega com práticas linguísticas ligadas a povos indígenas. De certa forma, foi o acaso que influenciou a minha vinda para cá [Noruega], no sentido de que meus interesses pessoais de pesquisa naquela época se alinhavam com o interesse de pesquisa institucional daqui da Universidade, que era de entender um pouco melhor a paisagem linguística contemporânea da Noruega.

Entrevistador: Comente um pouco mais sobre sua pesquisa de doutorado.

Dr. Rafael Lomeu Gomes: Eu usei um enquadramento teórico que é bastante pervasivo na área de política linguística familiares. Políticas linguísticas seria uma área da sociolinguística e uma de suas subáreas seria a política linguística familiar, que está interessada justamente em saber como que as práticas linguísticas no domínio domiciliar são influenciadas por processos macro sejam sociais, culturais, econômicos ou políticos. Eu desenvolvi uma proposta de projeto de pesquisa, que usava um enquadramento teórico empregado muito comumente nesta subárea (política linguística familiar), assim como eu parti de uma revisão de literatura. Foi nessa revisão que eu vi que tinha certas questões que esse enquadramento teórico não dava conta de abordar. Vale ressaltar também que quando eu estava procurando de programa de doutorado no exterior e no Brasil, eu participei como aluno ouvinte de algumas disciplinas oferecidas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), uma dessas disciplinas era Interculturalidade e foi ministrada pelo Professor Lynn Mario Trindade Menezes de Souza do Departamento de Letras Modernas. Foi ali que eu tive um dos primeiros contatos com a literatura que esta muitas vezes ligada ao que é chamado de Giro Decolonial. Pensando mais especificamente no volume editado por Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel *O Giro Decolonial*. Eu tive que voltar nesse ponto porque eu estava falando da revisão de literatura para o meu projeto de doutorado e que usando esse enquadramento teórico usado bastante na subárea e cruzando com algumas questões que estavam acontecendo na Linguística Aplicada, seja na Sociolinguística ou até

nas Ciências Sociais como na Antropologia e Sociologia o enquadramento teórico que utilizava até então não dava conta de acompanhar essas discussões [Decoloniais]. Uma dessas discussões, por exemplo, tinha a ver com algo tão básico como o que é língua? Qual é o *status* ontológico da noção de língua? Vem acontecendo uma crítica ou um grande debate nos últimos, talvez mais de vinte anos na Sociolinguística e na Linguística Aplicada, criticando um entendimento inicial de língua no desenvolvimento da linguística enquanto um campo.

Durante décadas, a maior parte do século XX, boa parte dos estudos de Linguística, sobretudo aqueles que as pessoas chamam de Linguística Formal, trabalharam muito com uma noção de língua como uma entidade abstrata que pode ser separada, juntada e nomeada. Algumas discussões na Sociolinguística e Linguística Aplicada, inspiradas, por exemplo, por avanços promovidos por parte dos diálogos com o pós-estruturalismo, vinham questionando essa ideia de língua como essa entidade abstrata. Uma outra abordagem da língua é uma abordagem mentalista, que é a de que a língua faz parte de um dispositivo mental que inato ao ser humano e apesar de a gente não saber muito bem sobre o funcionamento desse dispositivo, a gente parte dessa premissa para fazer estudos em relação a linguagem. Inspiradas por discussões do pós-estruturalismo, por abordagens etnográficas, investigações de comunicação as pessoas voltaram a focar mais na comunicação e na interação e essa definição de língua, esse entendimento, acabou por não dar conta de tentar explicar o que estava acontecendo na interação do dia a dia. Essa era uma das discussões, um entendimento de política de linguagem a partir de um enquadramento teórico de Bernard Spolsky. De acordo com o modelo desenvolvido por ele a política linguística tem três componentes, um deles seria o gerenciamento linguístico, que seriam as pessoas que pretendem ter o poder de gerenciar as formas de se falar; o segundo as crenças linguísticas, que se refere ao que as pessoas acham de certas práticas linguísticas e o terceiro as práticas linguísticas em si, que é observável, em termos empíricos, o uso da língua (Spolsky 2007; 2009). A partir desses três componentes a noção de política linguística, esse enquadramento, acabou sendo aplicado em vários contextos para tentar entender a política linguística em ensino superior, no trabalho, em casa etc.. Só que essa questão do que é a língua acabava não sendo discutida em trabalhos em que usavam esse enquadramento. Assim como algumas questões que eram julgadas como bastante pertinentes para se entender as decisões que famílias fazem dentro de casa em relação qual língua usar, por exemplo, o papel que categorizações sociais como classe social, gênero, sexualidade, raça e etnia. Isso é algo que o trabalho de Spolsky - inspirado por Joshua Fishman (1972) -, estava interessado nos papéis dos participantes da discussão, do evento comunicativo. Era importante para uma análise empírica,

entender quais eram os papéis daquelas pessoas no ambiente de trabalho, se a pessoas tem uma posição de chefia, a forma, as expectativas que as pessoas têm, as práticas linguísticas das pessoas, assim como os empregados também. O que acontece fora desses papéis esperados é algo que chama a atenção. Mas isso, por exemplo, não leva em conta classe social, raça, etnia, gênero e sexualidade. Eu comecei a buscar outros enquadramentos teóricos que me poderiam contribuir e incluir essas questões na forma de entender as práticas comunicativas.

Partindo das trajetórias que essas pessoas vieram do Brasil morar na Noruega, essas noções de classe social, gênero, sexualidade, raça e etnia acabavam se fazendo relevantes. Isso não foi só algo que eu notei na revisão de literatura, mas também algo que nos meus dados foram apontando. Aqui na Noruega, quando eu desenvolvi minha pesquisa de doutorado, 85% das pessoas do Brasil que moram aqui eram mulheres e os principais motivos de imigração eram reunião familiar seguida de emprego. A partir do meu trabalho de campo para minha pesquisa de doutorado eu percebi que existe um certo estereótipo ligado a noção da motivação que brasileiros têm para vir para a Noruega. Um exemplo, durante meu trabalho campo, eu estava visitando uma casa, onde a esposa era brasileira o marido norueguês e eu perguntei para o marido “como que os brasileiros – no inglês o gênero não faz a distinção, poderia ser os brasileiros ou as brasileiras - são percebidos na Noruega?” e ele respondeu que “as brasileiras são como se fosse mulheres da praia”. Fiquei em dúvida com a resposta e ele explicou que quando falava com os amigos e com a sua família que estava saindo e iria se casar com uma brasileira ele tinha que explicar “ela não é uma mulher da praia”. Na Noruega muitas pessoas pensam que as brasileiras vão para as praias do Nordeste para conhecer estrangeiros, europeus para ver se casam e se mudam para a Europa para ter uma vida melhor. Isso não só apareceu nessa fala dele, mas em várias entrevistas e observações participantes que fiz. As diferenças sociais do Brasil, procurei mostrar na minha pesquisa a partir de uma abordagem interseccional, acabam sendo transplantadas para o contexto norueguês de uma forma um tanto complexa. Certas práticas linguísticas poderiam estar associadas a diferentes pessoas que pertencem as mesmas classes sociais, apesar de que aqui na Noruega a questão de diferença de classe social ser bem menor que no Brasil o que eu fui percebendo aqui, talvez discursivamente, é essa distinção que ainda se faz relevante na forma em como a trajetória de cada um é reportada ou refletida. Partindo disso eu comecei a pensar em como isso poderia ser compreendido a partir de uma abordagem que levassem em conta a interseccionalidade, por exemplo. Como essa distinção, a criação da noção de raça a partir da experiência do colonialismo nas Américas como uma condição para subjugar o outro, como inferior, e como que isso acabou permanecendo no Brasil, apesar da

independência. Apesar do ganho de independência formal das ex-colônias a relação entre centro e periferia continua de forma assimétrica. As relações de poder entre centro e periferia permanecem sem grandes alterações, apesar do ganho institucional, do reconhecimento da independência. Então busquei refletir, inicialmente, sobre a distinção a partir do conceito de raça. Esse processo analítico, ancorado no conceito de colonialidade (QUIJANO, 1992), me levou a incluir também as noções de classe e de gênero. Foi aí que eu comecei a pensar em como o papel do discurso na manutenção destas categorias que no passado foram usadas para diferenciar o colonizado do não colonizado acabam permanecendo no discurso para produzir diferenciação social hoje em dia.

Entrevistador: Esse exemplo é elucidativo. Você conseguiu por meio destas teorias observar que houve um transporte destes mecanismos de controle para um período pós-colonial. Embora haja uma mutação óbvia, certas relações de dominação persistem. Você conseguiu diagnosticar alguma tática adotado pelos imigrantes brasileiros na Noruega no sentido de conseguir subverter de alguma forma esses laços de dominação? Em termos linguísticos, por exemplo, como eles se colocam a depender da condição profissional ou social que ocupam?

Dr. Rafael Lomeu Gomes: Eu acho que é até possível, mas não é exatamente no escopo da minha pesquisa de doutorado, em que acabei encontrando situações que iam muito mais na linha do “almejo assimilação”, em que a própria ideia de assimilação é absurda, e a gente deveria estar contestando justamente as estruturas que indicam que assimilação é o único caminho. Na minha pesquisa de doutorado não foi possível, mas morando aqui [Noruega] eu percebo que tem certos grupos que estão envolvidos em movimentos sociais, ativismo, que questionam questões de racismo, por exemplo. Pensando em como isso acabou aparecendo na minha pesquisa, por exemplo, em uma outra família. Eu estava entrevistando uma mulher que atuava como professora no Brasil e queria atuar como professora na Noruega. Ela já tinha o nível mínimo necessário de norueguês, ela já tinha as qualificações formais necessárias reconhecidas pela Noruega, só que ela dizia que “meu cabelo é cacheado, então quando eles me veem eles não vão querer”, “é muito difícil a gente atingir um grau de proficiência no norueguês que a gente vai poder competir de igual para igual com um norueguês, se faço o menor erro no meu norueguês, isso vai ter um peso muito maior porque eu ‘sou do jeito que eu sou’”. Eu não diria que chegava ao ponto de, pelo menos eu não cheguei a ver isso nos dados, ser algo que pretendia subverter as regras do jogo, mas sim com um certo grau de consciência sobre a situação. A questão da assimilação acabou atravessado mais fortemente porque essa mesma participante em um outro momento, quando perguntei sobre a decisão de vir para cá

[Noruega], a forma como ela formulou a resposta foi interessante. Quando eu perguntei para ela porque da vinda, ela respondeu “igual você, eu vim para cá por causa de estudo”, eu interpretei isso como uma maneira dela se posicionar como “eu não faço parte dos 75%, a maior parte, que veio por união familiar, para casar com um marido norueguês, para tentar uma melhoria de vida, que é isso que as mulheres da praia fazem, eu fiz como você, eu vim aqui para estudar”. Em uma outra parte da entrevista, eu lembro dela ter comentado “eu já tenho uma vida aqui como norueguês, eu sou como uma norueguesa, no final de semana a gente vai esquiar”, então como o simbolismo de práticas atreladas a ideia do “ser norueguês” acabam sendo refletidas na forma como os participantes interpretam o quão integrado estão ou não, apesar de reconhecerem mecanismos de *gatekeeping* que passam pela fala com outros recursos semióticos, como a cor da pele, o cabelo, enfim.

Entrevistador: Eu fiquei pensando no caso espanhol, em Barcelona, por exemplo. Lá você pode simplesmente dominar o espanhol e viver perfeitamente. No entanto, pesquisas recente apresentam que a maior parte dos cargos de chefia é ocupada por aqueles fluentes em catalão, havendo aí uma barreira linguística de inserção, ainda que velada. E, também, fica claro que existe uma certa cobrança daquele que vem de fora, pois se cobra uma proficiência sempre maior.

Dr. Rafael Lomeu Gomes: Sim, e é um discurso parecido que atravessa vários contextos, onde minorias sempre tem que fazer mais para no mínimo ter o mesmo.

Entrevistador: Eu queria pensar um pouco a respeito sobreo universo acadêmico que você encontrou na Europa, em especial no contexto norueguês. Você conseguiu identificar uma certa busca maior pela interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e até mesmo por certas tentativas de diluição de disciplinas? E como você enxerga esses movimentos?

Dr. Rafael Lomeu Gomes: Partindo da minha trajetória aqui, em termos de disciplinas e departamentos eu vejo que a maior parte ainda segue uma estrutura um tanto tradicional. Eu passei um período na *University of technology Sydney*, na Austrália, e eu lembro que os professores estavam ansiosos, nervosos com uma situação, havia uma fusão que estava prestes a acontecer entre o Departamento de Relações Internacionais com o Departamento de Educação. Eu penso que no Brasil uma junção dessa causaria também bastante reação. Aqui [Noruega] eu não tenho visto, ainda, talvez venha sendo um processo incipiente, talvez já esteja acontecendo e eu não tenha me dado conta, mas, no meu dia a dia eu não percebo essa divisão, ou melhor essa junção ou dissolução

na área departamental. Ainda que eu perceba que tenha certos incentivos na direção de procurar maior transdisciplinaridade. Pensando na minha pesquisa de doutoral, especificamente, algo que eu notei do programa aqui, foi a bastante autonomia para seguir um caminho próprio de pesquisa. Talvez por ignorância ao que seria um programa de doutorado eu esperava que seria uma relação com os meus orientadores muito mais diretiva ou direcionada por eles, mas eu percebi que dependia muito mais de mim. O trabalho deles, em boa medida, foi de garantir que o caminho que eu estava tomando estava metodologicamente adequado, seria possível sustentar teoricamente, mais do que indicar para mim “não, você tem que ir por ali, tem que ir por lá”. Essa autonomia me permitiu transitar bem entre essas diferentes disciplinas com que eu vinha entrando em contato antes de começar o doutorado. Voltando aos incentivos, eu percebo que para pedidos de fomento de pesquisa nas agências nacionais e internacionais, pensando no Conselho de Pesquisa Norueguês e no Conselho Europeu de Investigação, colaboração interdisciplinar é quase uma condição. Mas isso ainda é algo que está em processo, porque uma reclamação de colegas aqui, mais experientes que eu, que já mandaram inscrições para esses programas de fomento várias vezes, é de que o painel que acaba fazendo a avaliação, isso no Conselho Europeu de Investigação, o painel de linguística é um entendimento muito limitado de linguística. Então colegas da área de Linguística Aplicada e do Sociolinguística, acham que as chances de eles conseguirem fomento são muito pequenas, porque quem avalia não entende linguagem a partir do mesmo prisma. Eles pedem interdisciplinaridade, você apresenta, mas eles julgam que isso não é linguística que eles querem financiar. Inclusive, eu tenho uma experiência recente de ter me inscrito em um processo de uma vaga como professor pesquisador em uma instituição aqui na Noruega e um comentário que eu recebi foi que a minha trajetória não é interdisciplinar o suficiente vide os jornais onde publiquei os meus artigos. Eu trabalho com teorias da Sociologia, Antropologia, Linguística Aplicada, mas talvez o bastão para medir se interdisciplinaridade usado pela pessoa que escreveu o parecer não é o mesmo que o meu.

Entrevistador: Por aqui no Brasil temos o costume de celebrar o imigrante – de matriz europeia, que fique claro - como um componente que enriquece a cultura brasileira, sobretudo em determinadas regiões do país, como no Sudeste e Sul. O imigrante que aqui chegou, consciente e/ou inconscientemente, foi aquele que supostamente trouxe um “traço de civilização”, o que é muito curioso, pois é sempre no sentido de enriquecer, de enobrecer a cultura, de contribuir. Os estudos mais tradicionais sobre a imigração acabam por vezes fazendo uma leitura enviesada e pouco crítica a respeito desses processos migratórios. Os festivais locais, por exemplo, são criados no intuito de cristalizar um aporte cultural. Fala-se tanto em integração, mas quando se celebra é sempre o

excêntrico, no sentido de ser o diferente; a dança, a comida, a vestimenta, como se fosse um pedaço da Europa no Brasil. Só que esse movimento migratório tipicamente europeu se encerrou a muito tempo, de modo que o que vemos hoje é a chegada de haitianos, senegaleses, nigerianos, bolivianos, porém essa imigração não é celebrada, mas tida como um problema urbano, via de regra atravessada por um tensionamento. No discurso do senso comum, esses povos acabam sendo enxergados não como superiores, como outrora, mas sim como inferiores ou dotados de características condenáveis. Você acredita o ferramental utilizado na sua pesquisa teria algo a oferecer para essa entrada recente de novos povos e culturas aqui no Brasil?

Dr. Rafael Lomeu Gomes: Sim. Muito interessante a sua pergunta. Eu acredito que sim, sem dúvidas. Um ponto que acaba tendo um lugar de destaque em abordagens Decoloniais e Epistemologias do Sul tem a ver com a forma como a vida de pessoas em posições de opressão é impactada pela forma como a gente entende o mundo. A forma como a gente celebra certos tipos de diversidade no Brasil, acho que ela passa necessariamente por essa questão que eu estava falando anteriormente sobre processo de racialização que tem um pé na maneira de entender o mundo que foi constituída a partir do período colonial em que havia a necessidade de criar e trabalhar com a noção de raça para se diferenciar, para fazer uma diferenciação de um e outro. Acho que essa abordagem poderia ser útil para pensar quais são os processos de racialização que estão em jogo no Brasil que fazem com que certas diversidades sejam celebradas ou não. Isso me faz lembrar inclusive, pensando na primeira leva de imigração que você comentou, dos europeus brancos até meados do século XX, um escritor de Cataguases, Minas Gerais, chamado Luiz Ruffato, que escreveu em uma coluna ou blog, que com o passar do tempo ele foi se dando conta de que a ascendência italiana que ele tinha na verdade era algo que apesar de ser celebrado por muitos brasileiros que falam com a boca cheia que possuem ascendência italiana, muitas pessoas que vieram da Itália vieram para não morrer de fome lá, tinham condições materiais muito precárias. É esse trabalho discursivo que eu acho interessante de investigar, como que com o passar do tempo é algo que vai sendo construído, como algo que me diferencia do outro em uma relação hierárquica, eu acho que esse é outro ponto importante também. Pensar a diversidade, eu acho que é ótimo celebrar diferentes culturas e diferentes comidas, vestimentas, enfim. Quando a questão é atravessada por uma relação hierárquica, é aí que fica complicado e que merece ser investigado. Resumindo, e voltando a sua pergunta, eu acho que pode ser bastante útil para pensar como processos de racialização acabam contribuindo para um entendimento hierárquico de diferenças entre povos.

Entrevistador: É interessante esse ponto da hierarquização, porque por muito tempo o Brasil importou conflitos interétnicos de fora. Por exemplo, no centro-sul do Paraná tem um aspecto importante que são os embates entre poloneses e ucranianos, de certa forma herdados do continente europeu e ressignificados no Brasil ao longo do tempo. Além disso, algumas cidades dos Campos Gerais, como Carambeí (de imigração holandesa), conseguiram positivar essa herança imigrante, enquanto outras sentem certo incômodo ou dificuldade em falar sobre si mesmas. E quem é de fora do contexto local acaba comprando ideias e estereótipos criados para fins diversos. O que você pensa sobre isso?

Dr. Rafael Lomeu Gomes: Isso me faz lembrar um livro que foi publicado recentemente, talvez em 2019, por duas estudiosas da Antropologia Linguística, Susan Gal que leciona na Universidade de Chicago e Judith T. Irvine que esta na Universidade da Califórnia, o título é *Signs of difference: Language and ideology in social life*. Elas têm mais trinta anos de trabalho etnográfico em diferentes locais e o que elas procuram fazer nesse livro é demonstrar como que diferenças sociais são criadas ou intermediadas por processos semióticos. Elas usam estudos de caso de parte do trabalho etnográficos delas para falarem justamente disso, de que diferentes situação, como por exemplo em uma cidade pequena no interior da Hungria tem um grupo X e grupo Y. Diferenciações entre os grupos são marcadas por certas características que passam por roupas, tonalidades de pele, práticas sociais e culturais. Essas diferenciações são criadas e reproduzidas a partir da maneira como signos circulam em comunicação, como são interpretados. Ou seja, como um recurso semiótico (por exemplo, tonalidade da pele ou vestimenta) que a pessoa carrega acaba ganhando um nível na interpretação de como aquela pessoa é ou está ligada a certo estereótipo. Enfim, acho que o trabalho da Gal e Irvine é uma referência relevante que talvez combinada com trabalhos ligados a teorias Decoloniais e Epistemologias do Sul que pode ajudar a gente a tentar entender como esses processos ocorrem.

Entrevistador: Por fim, gostaria de entender um pouco mais sobre como você interpreta e se utiliza das discussões Decoloniais no contexto de suas pesquisas na Europa.

Dr. Rafael Lomeu Gomes: Uma questão que tenho refletido bastante e que ainda não encontrei uma resposta definitiva tem a ver com certas críticas que algumas pessoas fazem em relação ao uso de teorias Decoloniais em contextos desligados de lutas e movimentos sociais, movimentos indígenas, enfim. Existe uma preocupação, e uma preocupação que acho que é completamente

legítima, de como estas discussões são utilizadas por pesquisadores do Norte. Bom, se a gente pegar um dos argumentos da Raewyn Connell em *Southern Theory – The Global Dynamics of Knowledge in Social Science*, que discute a partir da experiência dela dando aula de Sociologia na Austrália, ela se deu conta que o currículo usado pra lecionar sociologia na Universidade estava centradas nos “grandes fundadores”, Durkheim, Marx e Weber. Outro ponto levantado por ela é como que outros lugares que produzem conhecimento acabam sendo usados como material para testar as teorias desenvolvidas em centros da Europa, Estados Unidos e Canadá. A perspectiva dela demonstra o quanto é importante pensar em um currículo que fosse além dessas únicas fontes de interpretar o mundo, para que fosse jogada luz sobre o conhecimento gerado em contextos do Sul. Esse é um ponto que observo no livro dela, que acabou tendo reflexo em outras experiências de produção e circulação de conhecimento. Eu penso também em como agora está acontecendo uma certa discussão sobre um cuidado que é importante se ter ao engajar essas teorias no contexto do Norte para que não seja, nesse processo, despolitizado e que mais uma vez não seja um processo extrativista em que lá está de novo o Norte colhendo no Sul as ideias dos povos do Sul que nascem em condições precárias, para que contribuam para um desenvolvimento eurocêntrico do conhecimento (veja, por exemplo, Rivera Cusicanqui, 2010). Essa é uma reflexão que eu tenho procurado fazer. A resposta que eu tenho chegado até o momento é que esses conceitos e discussões — que no meu trabalho emergem principalmente nas discussões dos autores latino-americanos envolvidos com o Giro Colonial, mas também no trabalho de Boaventura de Sousa Santos e Raewyn Connell — acabam me ajudando a enxergar questões de racialização e hierarquização que acontecem no contexto europeu, que o enquadramento teórico oferecido por uma linha mais tradicional não foi capaz de responder. É isso que tenho procurado fazer enquanto penso mais a respeito sobre esses fluxos de conhecimento entre Sul e Norte.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. 2ª Ed.. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**. 6ª Ed.. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. The economics of linguistic exchanges. **Social Science Information**, v. 16, n. 6, 1977, p. 645–668.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramon (Coords.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

FISHMAN, Joshua. A. The link between macro- and micro-sociology in the study of who speaks what to whom and when. In: GUMPERZ, John J.; HYMES, Dell (Eds). **Directions in Sociolinguistics**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1972. p. 435–453.

GAL, Susan; IRVINE, Judith T.. **Signs of difference: Language and ideology in social life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

QUIJANO, Aníbal, Colonialidad y modernidad/racionalidade. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, 1992, p. 11-20.

CONNELL, Raewyn. **Southern Theory: The Global Dynamics of Knowledge in Social Science**. Abingdon: Routledge, 2021.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa**. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón Ediciones, 2010.

SPOLSKY, Bernard. Towards a theory of language policy. **Educational Linguistics**, v. 22, n. 1, 2007, p. 1–14.

SPOLSKY, Bernard. **Language Management**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

Recebido em: 22 de março de 2022.

Aprovado em: 20 de abril de 2022.